

### O livro eletrónico perde força

Desde o seu lançamento há uma década, a venda dos livros eletrónicos encontrava-se numa ascensão aparentemente imparável. Todavia, um relatório sobre o setor editorial no Reino Unido em 2015, aponta para uma surpreendente mudança de tendência.

Os cinco grupos editoriais com maior peso no mercado editorial britânico venderam um milhão de livros eletrónicos menos do que no ano anterior (2014), o que equivale a uma queda de 2,4 %. Segundo explica um [relatório](#) publicado pela “The Bookseller” – revista sobre o setor editorial do Reino Unido –, a quebra foi mais brusca para o grupo Pan Macmillan (-7,7 %), e de menor relevância para o grupo Simon and Schuster (-0,3 %). Entre estes extremos estão os três grupos Penguin Random House, Hachette e Harper Collins.

“Para os ‘cinco grandes’, é a primeira diminuição no número de livros vendidos neste formato desde que começou a era digital”, comenta um [artigo](#) no “The Guardian” (3.2.2016). A mudança de tendência parece ter começado nos Estados Unidos, onde houve uma descida de 6 % em 2014 – segundo [revela](#) um estudo publicado pela Nielsen Book Research – e de 8 % em 2015.

“Para aqueles que preveram que o livro em papel iria morrer e que o formato digital dominaria o mercado em finais desta década, os números das vendas em papel e no digital dos ‘cinco grandes’ levam-nos a reconsiderar a situação”, afirma Tom Tivnan na “The Bookseller”.

O que terá levado a travar o que parecia uma ascensão imparável? Destaca em primeiro lugar a [subida de preços](#) dos livros eletrónicos no último ano. Muitos destes grandes grupos editoriais decidiram abandonar a política de preços unificados da Amazon para serem eles próprios a decidirem os preços dos seus livros. Assim, o preço de um livro eletrónico passou de 9,99 dólares para 12,99 ou mesmo 14,99.

Por outro lado, o preço de um leitor eletrónico não é exatamente barato; isto faz com que somente os grandes leitores tirem verdadeiro partido.

Além disso, a revalorização do formato físico levou a que muitas editoras cuidem mais a feitura dos seus livros. “Com livros de qualidade observa-se melhor o claro benefício que implica possuir o objeto real. Uma verdadeira estante de livros

torna pálida a imitação digital”, afirma James Daunt, diretor executivo da Waterstones.

Outro fenómeno relacionado com o regresso ao papel é o ressurgimento das livrarias depois dos anos de crise económica. Agora o seu sucesso não depende apenas dos livros, mas também de um pessoal amável, estantes bem desenhadas, um canto onde se possa tomar um café... “Já não vendemos livros: vendemos a experiência de ler” [explicava](#) Daunt ao “The Guardian” em 2014.

P. A.

### Acusados na capa, absolvidos num canto de página

Durante dois anos, Mons. Max Davis, que era o bispo castrense católico da Austrália, foi suspeito de ter abusado de menores, perante os tribunais e perante a opinião pública. Nos meios de comunicação foram publicadas, com pormenores escabrosos incluídos, as coisas infames que lhe atribuíam cinco ex-alunos de um colégio interno beneditino na Austrália Ocidental. Acusaram-no de ter cometido com eles, atos indecentes mais de quarenta anos antes, quando tinham idades entre 13 a 15 anos. Ele, que então não era sacerdote, trabalhou no colégio interno de 1969 a 1972, e agora tem 70 anos. Em junho de 2014, devido à denúncia, renunciou ao seu cargo de bispo castrense, o qual exercia há doze anos, para salvar a reputação da Igreja.

Julgado no início de fevereiro de 2016, foi declarado inocente de todas as acusações a 15 de agosto. Pensa-se que houve efetivamente abusos, mas devem ter sido cometidos por outros dois professores da escola, já falecidos. Um deles foi afastado das suas funções depois de Davis ter advertido a direção de que alguns alunos o haviam denunciado por condutas impróprias. Os cinco acusadores pensaram ter reconhecido em Davis o seu antigo abusador, o qual quando apresentaram a queixa era uma personagem pública. Mas no julgamento verificou-se que as suas recordações não eram claras.

Contudo, o prejuízo causado à imagem de Mons. Davis é em grande parte irreparável. Embora nos tribunais, certamente, o ónus da prova recaia em quem acusa, perante a opinião pública tem vantagem aquele que expõe factos, por mais que

não estejam demonstrados nem a atribuição seja segura. O acusado inocente, se não tiver álibi, apenas pode negar. Depois de examinar as acusações, poderá encontrar-lhes pontos fracos e incoerências; mas o seu opositor disparou primeiro.

Quando chega a absolvição, o denunciado já está há longo tempo sob suspeita, o que é um peso muito duro de suportar. E aos olhos de muita gente, a declaração de inocência significa que foi deixado livre “por falta de provas”.

Isso pode ocorrer em muitos casos, mas especialmente nas denúncias de abusos de menores, onde muitas vezes não existem provas materiais nem documentais, ainda menos se passaram bastantes anos. Assim, os meios de comunicação, divulgando as acusações, tornam-se facilmente porta-vozes de uma parte. Quando lhe pedem a sua versão, o acusado enfrenta um dilema: se responde, atiza o fogo e contribui para que o seu nome continue na boca de todos; se se calar, poderão interpretar que não tem defesa, enquanto a imprensa se cobre com um manto de imparcialidade.

O caso de Mons. Davis, ou o das acusações de abusos [contra personalidades britânicas](#) (“Aceprensa”, 14.10.2015), deveriam levar, tanto os meios de comunicação como o público, a encarar com extrema cautela as denúncias, e muito a sério a presunção de inocência. O escândalo é sempre notícia. A comprovação de que a acusação não tinha fundamento deveria ser mais notícia ainda e, pelo contrário, muitas vezes é-lhe dado muito menos eco. Por isso, há pessoas que são acusadas na capa e absolvidas num canto de página.

R. S.

## A China procura modelos masculinos na escola

Enquanto noutros países a escola pretende esbater as diferenças de sexos, na China, as autoridades educativas estão a empenhar-se no reforço da masculinidade e da autoestima dos rapazes. É motivo de preocupação o seu atraso académico em relação às raparigas e a carência de modelos masculinos na sua educação. Daí não terem dúvidas em aplicar medidas de discriminação positiva, que antes se invocavam para as mulheres.

Uma crónica do correspondente do “The New York Times” (6.2.2016) sintetiza esta política chinesa: “Perante o risco de que a escassez de professores homens tenha produzido uma geração de rapazes tímidos, centrados em si mesmos e efeminados, as autoridades educativas estão a procurar reforçar os papéis e valores tradicionais de género nas aulas”, informa Javier C. Hernández.

O problema não é exclusivo da China. Também nas escolas do Ocidente se adverte que, em geral, os rapazes estão a obter piores notas do que as raparigas, têm mais problemas de comportamento e parecem algo confusos relativamente ao

modo de viver a masculinidade. Alguns especialistas, como [Christina Hoff Sommers](#) nos EUA e [María Calvo](#) em Espanha, chamaram a atenção sobre este problema. Mas na China decidiram abordá-lo.

Como em muitos outros países, o professorado chinês nos ensinos primário e secundário é em grande parte feminino. A crónica do “The New York Times” diz que nas cidades, quatro em cada cinco lugares de docentes estão ocupados por mulheres. E as autoridades pensam que se deve aumentar a percentagem de professores do sexo masculino, para que as crianças contem com modelos do seu sexo que as estimulem a melhorar os seus resultados académicos e construir a sua masculinidade.

Recrutar e reter professores homens não é fácil. A profissão docente não é bem paga (17 000 dólares anuais, segundo dados oficiais), e os universitários aspiram a profissões mais lucrativas também dentro do setor público. Por isso, um rapaz que queira dedicar-se à docência parece pouco ambicioso aos olhos dos seus companheiros. Daí que, para aumentar o seu número, haveria que começar por pagar mais ao professorado.

Para atrair os rapazes, as universidades começam a recorrer à discriminação positiva, mais ou menos declarada. Em Fuzhou, cidade de dois milhões de habitantes, as universidades afrouxam os critérios de admissão e oferecem uma bolsa completa aos rapazes que querem dedicar-se ao ensino. Na Fujian Normal University, foi criada a partir deste ano letivo, uma classe especial para rapazes que querem ser professores, com dedicação de até doze horas diárias, pois devem obter certificados em diversas matérias. E, como terão muita procura, têm um lugar seguro.

Destes professores do sexo masculino espera-se que tragam um estilo docente que seja atrativo para os rapazes. Fala-se inclusivamente de fazer “reviver a masculinidade” dos seus alunos, com exemplos que exaltem a coragem, a firmeza e o sacrifício. A “nova masculinidade”, mais sensível e terna, não está no programa.

Assim como noutros tempos tratava-se de afirmar a autoestima das raparigas, agora chegou a vez dos rapazes. E, para esse efeito, as autoridades educativas atreveram-se mesmo a romper o tabu de que todas as atividades na escola devem ser mistas.

Segundo conta o “The New York Times”, nas escolas de Xangai, os diretores estão a experimentar com classes somente para rapazes, que incluem cursos sobre artes marciais, física e reparação de computadores. Noutra escola de ensino secundário da mesma cidade, foi iniciado já em 2012 um programa para sessenta rapazes, com a ideia de afirmar a masculinidade. Um estudante da escola, de 18 anos, pensa que mais do que uma crise de masculinidade, existe uma crise de confiança. Os rapazes sentem-se mais seguros numa classe somente para eles. E, curiosamente, diz algo que antes se aplicava ao comportamento das raparigas em classes mistas: “Nas classes com raparigas, podemos não nos atrever

a falar. Quando nós rapazes estamos sozinhos, sentimo-nos mais livres”.

Os pais estão preocupados. A política do filho único criou um desequilíbrio entre os sexos. Em 2012, nasceram 118 meninos por cada 100 meninas, quando a proporção natural é de 105/100. As meninas que faltam foram vítimas do aborto seletivo, dada a preferência tradicional pelo filho do sexo masculino, acentuada quando só se pode ter um.

Mas agora os pais de muitos destes meninos constataam que o seu rebento está a ficar para trás na escola em relação às meninas, o que compromete o seu futuro para entrar numa boa universidade e vingar numa sociedade cada vez mais competitiva.

Para as raparigas, é como uma desforra relativamente à preferência pelo filho do sexo masculino. Por serem menos numerosas e mais favorecidas nos estudos, a sua cotação sobe e vão ter mais possibilidades de encontrar namoro. Mas também a elas convém que o seu marido saiba claramente o que é ser homem.

I. A.

## “El hada democrática”

“Come la democrazia fallisce”

Autor: Raffaele Simone  
Taurus. Madrid (2016)  
260 págs.  
Tradução (castelhano):  
Juan Ramón Azaola

Embora a palavra “pessimista” não apareça, o livro “El hada democrática”, de Raffaele Simone, é-o quanto ao futuro da democracia. Partindo de clássicos como Rousseau, Montesquieu ou Toc-queville, que já advertiram de como pode degenerar uma democracia, Simone examina a maioria dos escritos críticos sobre esta imperfeita e imprescindível forma de governo e de mentalidade.

O núcleo é que a democracia é uma utopia, e para manter-se tem de criar ficções: a principal é a de “governo do povo, pelo povo e para o povo”. Simone passa em revista as falhas da representação (o eleito, uma vez isso concretizado, já não responde perante os eleitores); a perpetuação nos cargos; as promoções e privilégios; a corrupção; o domínio das altas esferas da economia sobre grande parte da gestão política... A democracia não é uma fada que com a sua varinha mágica tudo resolve. O título original é mais categórico: “Como a democracia fracassa”.

Detém-se também em algo que acontece por toda a Europa: o cansaço relativamente à democracia dá lugar a movimentos

populistas. Em quase todo o lado, esses partidos são considerados de extrema direita; em Itália, o “Cinco Estrelas” não se sabe bem o que é, e em Espanha acontece uma mistura oportunista de centralidade e antissistema. Simone descreve o populismo como “a condição em que o político devolve ao povo os seus estados de ânimo, os seus lugares comuns e os seus preconceitos”.

Destaca a importância crucial da educação, embora o sistema esteja meio afetado por causa da queda do sentido da autoridade. É muito crítico com a imigração, não num sentido xenófobo, mas no de uma explicável exigência, para os estrangeiros, de se integrarem na cultura para a qual emigram. Relata casos como o de uma escola de onde foi retirada a árvore de Natal para não ofender uma minoria de alunos muçulmanos.

Desconfia do estado atual da “opinião pública”, submetida a estereótipos e imprecisões, e são muito acertadas algumas avaliações de fundo, como a de salientar que o eixo ideológico-cultural se orienta agora para o consumo e a distração.

Soluções? Não se vislumbram. Há um frequente apelo à necessidade de uma série de virtudes para que uma democracia funcione, mas constata que esse discurso sobre as virtudes mal é tido em conta.

O livro termina com um apêndice sobre a situação política e social em Itália. E se alguém pensa, com razão, por exemplo, que a Espanha está mal, poder-se-ia consolar observando como está a Itália. Simone informa que mais de 100 parlamentares, dos 950 que compõem as câmaras do parlamento italiano, foram condenados, investigados ou acusados.

Por debaixo, por cima, pela frente e por detrás da democracia está a condição humana que, se não for objeto de correção, tende para o vício. Essa é, pelo menos, a conclusão que extraio do livro de Simone.

R. G. P.

